

Editorial



RACISMOS E MIGRAÇÕES

Roberto Marinucci*

A derrocada de formas institucionalizadas de racismo – como o apartheid sul-africano ou a segregação racial nos EUA – acoplada à abolição da escravidão, ao amplo processo de descolonização no Sul do mundo e, sobretudo, à quase que generalizada condenação da Shoá, gerou a espraída sensação de superação definitiva do espectro racial, teórico e prático. A permanência marginal de preconceitos com base racial era interpretada como um mero resquício de uma mentalidade destinada a sucumbir à lógica hegemônica e progressiva dos direitos humanos.

Na atualidade, no entanto, num contexto caracterizado por intensas mudanças socioculturais, que coincidiram inclusive com a crescente visibilidade do fenômeno migratório, ocorreu a erupção de novas e antigas formas de racismo. Houve uma metamorfose do racismo clássico (bioracial) em formas mais camufladas – como a racialização e essencialização de identidades étnicas, culturais, religiosas e nacionais – sendo que permaneceu análoga a lógica subjacente de inferiorização de minorias – por vezes, majoritárias – internas ou externas. Em outros termos, os novos racismos (neoracismos) se estruturam em modo polivalente, assumindo configurações diferenciadas em decorrência de variáveis contextuais.

É nesse contexto de recrudescimento de populismos, nacionalismos e sovranismos (Balibar, 1991) que se inserem as difundidas *políticas migratórias restritivas* e *“malthusianas”*, que legitimam e são legitimadas pela nova onda do delírio racista, principalmente na versão da xenofobia. Essas políticas encarnam as duas formas tradicionais de racismo, que Taguieff (1999) denomina de “racismo de aniquilamento” e “racismo de exploração”: a primeira visa à eliminação física de um determinado grupo social, enquanto a segunda sua exploração. As políticas imigratórias restritivas e securitárias, por um lado, provocam – de forma ativa ou omissiva – a morte de milhares de migrantes e solicitantes de refúgio, reduzindo – malthusianamente – o número de ingressos; por outro, alimentam dinâmicas de ilegalização e deportabilidade (De Genova, 2002) que possibilitam a inclusão subordinada e a conseqüente exploração dos recém-chegados. Em

* Editor chefe da Revista REMHU, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Brasília, DF, Brasil.

outros termos, são políticas que visam à criação de um limiar – físico e simbólico – além do qual a vida humana se torna menos humana, “vida sagrada” (Agamben, 2005), refugio humano (Bauman, 2005).

Neste cenário assombroso, no entanto, não podem ser olvidados os sinais de resistência, como o surgimento das assim chamadas “cidades refúgio” ou o compromisso de numerosas pessoas e ONGs que acolhem, partilham e acompanham – no sentido etimológico de “comer pão juntos” – migrantes e refugiados, inclusive desafiando formas institucionalizadas de racismo – como no caso das legislações que criminalizam a solidariedade. Não pode ser menosprezada também a luta cotidiana de migrantes e refugiados em busca de estratégias de sobrevivência: suas presenças “abjetas” e suas ações reivindicativas contribuem a levantar a questão dos princípios éticos que deveriam pautar a convivência dos seres humanos.

Longe de advogar por uma visão maniqueísta da sociedade, o que preocupa é que na conjuntura atual se perdeu o medo ou a vergonha de manifestar atitudes e comportamentos de cunho racista, como comprovado pelo ressurgimento da Ku Klux Klan nos EUA ou a difusão de grupos neofascistas apoiados ou tolerados por relevantes representantes do mundo cultural e político. Isso representa um sério perigo para o futuro do gênero humano, pois negar ou reduzir a humanidade de alguém por motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero ou naturalidade, significa construir o que Stefano Rodotà (2015) chamava de “humanidade por subtração” (*umanità per sottrazione*), com todas as suas bárbaras consequências. A história *docet*.

O Dossiê do número 53 da REMHU, *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* é dedicado a esse tema. Os primeiros dois artigos, de Fabio Perocco e Enzo Pace, focam a questão da islamofobia, enquanto racialização dos muçulmanos – “the Muslim race” (p. 29). Perocco enfatiza os mecanismos de funcionamento dessa discriminação e, sobretudo, seus principais atores, enquanto Pace chama atenção sobre os nexos entre a questão religiosa na Europa e a difusão de populismos e nacionalismos: as religiões podem legitimar formas de racismo quando renunciam à pretensão de serem depositárias de valores universais e assumem posturas radicalmente sectárias e particularistas.

Os artigos de Antonia Olmos Alcaraz e Laura Escudero Zabala apresentam duas formas de manifestação do racismo, ambas marcadas por algum tipo de dissimulação. Olmos Alcaraz analisa narrativas do Facebook e sustenta que as redes sociais virtuais estão transmitindo um “*virus con una alta capacidad infecciosa*” (p. 57) – o racismo – fomentado tanto pelo possível “anonimato” – e, portanto, pelo reduzido controle social – quanto pela “rapidez” da ferramenta, que dificulta o aprofundamento do tema. Escudero Zabala, por sua vez, se debruça sobre o racismo sutil e camuflado das relações interpessoais do dia a dia e as reações emotivas e corporais que provoca nos sujeitos que o sofrem.

Alexandre Branco Pereira apresenta reflexões etnográficas a partir do estudo de um serviço de assistência em saúde mental para refugiados. Entre as diferentes ponderações, chama atenção o tema racial que aparece tanto na tendência, geralmente involuntária, em estabelecer um nexos quase que automático entre cor da pele e refúgio, quanto na invisibilização da questão racial, pois “tratar as experiências díspares do refúgio branco e do refúgio negro pasteuriza vivências desiguais” (p. 96).

Finalmente, os racismos institucionalizados são o foco dos últimos dois artigos. *Susana Martínez Martínez* e *Delia Dutra* abordam a relação entre racismo e imigração no Brasil. As autoras questionam a assim chamada “democracia racial” brasileira e sustentam que a chegada de estrangeiros africanos e haitianos desmascara um racismo que, de fato, nunca desapareceu na sociedade: “*el racismo hacia los inmigrantes africanos y haitianos se da por una asociación en el imaginario colectivo con los negros brasileños, vinculado a la historia de la esclavitud y de la construcción social específica del racismo brasileño*” (p. 111). Já *Olivia Gall* analisa, numa perspectiva diacrônica, as leis e as políticas migratórias do México desde o começo do século XX aos dias de hoje, bem como suas consequências perversas no contexto contemporâneo, sobretudo em relação às populações em trânsito e aos retornados/deportados dos EUA.

A seção *Artigos* é aberta por *Iana dos Santos Vasconcelos* que se debruça sobre a situação dos Venezuelanos em Boa Vista, no Brasil. A autora aborda a temática na perspectiva da alimentação, evidenciando como os venezuelanos no ato de receber, enviar e compartilhar comida experimentam diferentes formas de interação social e desenvolvem a própria subjetividade, num complexo processo de negociação que envolve autonomia e sujeição.

Francesco Vietti reflete sobre a experiência de “*accoglienza diffusa*” na Igreja Católica na Itália, junto a refugiados e solicitantes de refúgio. Focando a reflexão a partir da perspectiva dos voluntários, o autor sublinha os aspectos positivos da experiência, mas também os riscos da assim chamada “razão humanitária” que, por vezes, pode desencadear relações paternalistas e assimétricas.

Os artigos de *Angélica Alvites Baiadera* e *María Dolores Linares* abordam, em termos gerais, as políticas migratórias na Argentina. *Alvites Baiadera* destaca as políticas de controle de fronteira na percepção de migrantes bolivianos e, após estabelecer um conjunto de “*hitos de control*”, realça as estratégias subjetivas de enfrentamento desencadeadas pelos migrantes. Por sua vez, *Linares* aborda as mudanças ocorridas no funcionamento da Dirección Nacional de Migraciones na Argentina a partir da Ley N° 25.871. A autora foca a investigação “*desde adentro*”, buscando averiguar se ocorreu, de fato, um “*cambio de cultura organizacional*” (p. 193), uma mudança de mentalidade por

parte dos funcionários, sobretudo em se levando em conta a discricionariedade que caracteriza alguns aspectos do funcionamento da instituição.

María del Rosario Guerra González e *Maribel Sánchez Matías* se debruçam sobre o conceito kantiano de hospitalidade e apresentam argumentos jurídicos, filosóficos e morais para fundamentar políticas de acolhida de refugiados, que devem, no entanto, ser sempre contextualizadas.

Finalmente, *André Zuzarte* e *Carolina Moulin* aprofundam o tema dos refugiados urbanos a partir de duas perspectivas antitéticas: a cidade enquanto espaço de controle, disciplinarização e policiamento e a cidade enquanto lugar de politização, subjetivização e subversão. Nesta dialética entre práticas estatais de controle e estratégias de contestação, a cidade se apresenta como “território de experimentação democrática” (p. 227).

Na *Seção Relatos e Reflexões*, Ir. *Marivane Chiesa* apresenta o trabalho desenvolvido no Centro de Acolhida Bienvenu, em Joanesburgo, na África do Sul, junto a mulheres e crianças refugiadas, elucidando o perfil das pessoas acolhidas, as ações desenvolvidas e os principais resultados obtidos. A apresentação da tese de *Dalila Raccagni* encerra o número da Revista.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Il potere sovrano e la vita nuda. Torino: Einaudi, 2005.
- BALIBAR, Etienne. Racismo y nacionalismo. In: WALLERSTEIN, Immanuel; BALIBAR, Etienne. *Raza, Nación y Clase*. Madrid: IEPALA, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- DE GENOVA, Nicholas. Migrant “Illegality” And Deportability In Everyday Life. *Annu. Rev. Anthropol.*, n. 31, p. 419-47, 2002.
- RODOTÀ, Stefano. Di che cosa parliamo quando parliamo di umanità. *La Repubblica*, 07.12.2015.
- TAGUIEFF, Pierre-André. *Il razzismo*. Pregiudizi, teorie, comportamenti. Milano: Raffaello Cortina, 1999.

ISSN impresso 1980-8585

ISSN eletrônico 2237-9843

<http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880005301>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License